

**CARAMBAIA**

Heinrich Böll

**A honra perdida  
de Katharina Blum**  
De como surge a violência  
e para onde ela pode levar

ilimitada

Tradução  
SIBELE PAULINO

Posfácio  
PAULO SOETHE

As personagens e o enredo desta narrativa são puro fruto da imaginação.

Se, em descrições de certas práticas jornalísticas, surgirem semelhanças com as do jornal *Bild*, isso não se deu por acaso ou premeditação; foi, isso sim, inevitável.

## 1

Para o relato a seguir, existem algumas fontes secundárias e três principais. Elas são mencionadas agora, no começo, e não serão mais citadas. Eis as fontes principais: as transcrições dos autos do interrogatório da polícia; o advogado dr. Hubert Blorna; e o seu colega de faculdade e amigo, o promotor público Peter Hach, que – de maneira confidencial, entenda-se – complementou os autos e reportou certas medidas das autoridades responsáveis pelo inquérito e pelos resultados de pesquisas, quando não constavam nos autos, e isso não para uso oficial, mas privado – é preciso acrescentar –, pois causava-lhe muita comisseração a angústia de seu amigo Blorna, que não conseguiu esclarecer tudo e, ainda assim, achava tudo “não inexplicável, se parar bem para pensar, mas até mesmo quase lógico”. Uma vez que o caso de Katharina Blum, de qualquer forma, permanece até certo ponto fictício dadas as atitudes dos acusados e a posição um tanto estranha do advogado de defesa Blorna, talvez certas pequenas incorreções, muito humanas, como as cometidas por Hach, sejam não apenas compreensíveis, mas até perdoáveis.

Quanto às fontes secundárias, algumas mais importantes, outras bem menos, elas não precisam ser mencionadas, porque seu envolvimento, imbróglio, relevância, parcialidade, consternação e testemunho já aparecem no relato.

## 2

Se neste relato, uma vez ou outra, tem-se a sensação de certa “fluidez” – até porque há tantas menções a fontes –, que o leitor o perdoe: foi inevitável. Tratar de “fontes” e

de “fluidez” nos impede de falar de composição, de modo que talvez seja melhor introduzir o conceito de “interação”, de “condução”, o que ficará claro para todo aquele que, quando criança (ou mesmo adulto), já tenha brincado dentro, em torno ou com poças d’água, drenando-as, unindo-as por canais, esvaziando-as, desviando-as, refazendo os desvios, até finalmente *conduzir* todo o potencial hídrico disponível para um canal coletivo, em um nível mais baixo, de forma ordenada ou segundo ordens regulatórias, em uma canaleta de escoamento colocada por autoridades locais. Não há outra intenção aqui, portanto, senão a de drenar ou escoar. Um processo decididamente ordenador. Se em algumas passagens desta narrativa houver fluidez, não sendo menos relevantes as diferenças e equalizações de nível, pede-se benevolência, pois, ao fim, ocorrem estagnações, acúmulos, sedimentações, conduções e fontes malfadadas, que “não conseguem convergir”; além disso, há correntes subterâneas etc. etc.

### 3

Os primeiros fatos a serem apresentados são brutais: quarta-feira, 20 de fevereiro de 1974, véspera da *Weiberfastnacht*<sup>1</sup>, uma jovem de 27 anos sai de seu apartamento em certa cidade, por volta das 18h45, para dançar em uma festa privada.

Quatro dias mais tarde, após desdobramentos dramáticos – é preciso usar essa exata expressão (registre-se, aqui, a diferença de nível necessária para possibilitar

1 Festa tradicional alemã que ocorre na quinta-feira anterior à semana do carnaval. [N. T.]

o fluxo) –, na noite de domingo, por volta do mesmo horário – mais exatamente por volta das 19h04 –, ela toca a campainha da casa do superintendente da polícia, Walter Moeding. Ele está prestes a se fantasiar de xei-que, não por diversão, e sim por motivos profissionais, e a jovem depõe ao aterrorizado Moeding que ela havia matado a tiros o jornalista Werner Tötges por volta das 12h15, na casa dela, pedindo que ele providenciasse o arrombamento de sua porta para que o jornalista fosse “removido”. Ela mesma teria perambulado pela cidade entre 12h15 e 19h, para ver se sentia algum arrependimento, mas não foi o caso. Além disso, pede que seja presa, diz que gostaria de ficar onde seu “querido Ludwig” estava.

Moeding, que conhece a jovem de vários interrogatórios e tem certa simpatia por ela, e por isso não duvida em momento algum de suas informações, a leva em seu carro particular até a delegacia, conversa com seu superior, o delegado-chefe Beizmenne, e conduz a jovem até uma cela. Um quarto de hora mais tarde, encontra-se com Beizmenne na porta do apartamento dela, que uma equipe tática arromba, confirmando o que ela havia dito.

Não vamos falar, aqui, de banho de sangue propriamente, pois consideramos inevitáveis só as diferenças *necessárias* de nível; para isso, indicamos ao leitor a televisão e o cinema, espetáculos musicais de terror e outros musicais condizentes. Se é para fluir algo, que não seja sangue. Talvez apenas uma indicação de certos efeitos de cor: o corpo de Tötges estava vestido com uma fantasia improvisada de xei-que, feita com um lençol já bastante puído, e o efeito que tanto sangue pode fazer com tanto branco é bastante conhecido. Uma pistola pode virar praticamente uma pistola de pintura e, como no caso a fantasia era algo próximo de uma *tela de algodão branco*, tudo está mais próximo de pintura

moderna e cenografia que de drenagem. Enfim. Esses são os fatos.

4

Durante algum tempo, não se considerou improvável que o fotojornalista Adolf Schönner, encontrado morto, também a tiros, na quarta-feira de cinzas e em um bosque a oeste da cidade festiva, também tivesse sido vítima de Blum. Mais tarde, no entanto, quando foi montada certa ordem cronológica no processo, a suspeita deu-se como “comprovadamente improcedente”. Mais tarde, um motorista de táxi declarou ter levado Schönner, que estava igualmente fantasiado de xeique, e uma jovem fantasiada de andaluza até aquela área. Tötges havia sido assassinado ao meio-dia de domingo e Schönner, só ao meio-dia da terça-feira seguinte. Embora logo tenham constatado que a arma do crime encontrada próxima a Tötges de maneira alguma era a que matou Schönner, a suspeita ainda repousou algumas horas sobre Blum, e por causa da motivação. Se ela teve motivo para se vingar de Tötges, no mínimo o teria tido para matar Schönner. Mas pareceu bastante improvável para os investigadores que Blum possuísse duas armas. Blum executou seu ato sangüinário com frieza calculada. Quando indagada se também teria atirado em Schönner, disse com uma resposta funesta disfarçada de pergunta: “Sim, ele também, por que não?”. Depois desistiram de considerá-la suspeita do assassinato de Schönner, até porque a confirmação do álibi a absolveu quase que definitivamente. Ninguém – dos que já conheciam Katharina Blum, ou dos que passaram a conhecer seu caráter no correr da investigação – duvidaria que, se o tivesse cometido, ela

8

teria confessado explicitamente o assassinato de Schönner. O motorista de táxi que havia levado o casalzinho até o bosque (“Eu diria que estava mais para um matagal alto mesmo”, disse ele) não reconheceu Blum nas fotos. “Meu Deus”, disse, “essas belezuras, morenas, entre 1,63 e 1,68 metro de altura, magras e entre seus 24 e 27 anos – isso aí tem aos montes no carnaval”.

No apartamento de Schönner não foi encontrado nenhum vestígio de Blum, nenhuma indicação de mulher andaluza. Colegas e conhecidos de Schönner só sabiam que ele tinha se mandado do bar dos jornalistas na terça-feira, por volta do meio-dia, “com algum rabo de saia”.

5

Foi alentador para um dos organizadores do carnaval, comerciante de vinho e champanhe, orgulhoso de ter trazido a alegria de volta, o fato de ambos os crimes terem vindo à tona só na segunda ou quarta-feira. “Se isso acontece no começo da festa, o clima e os negócios estão acabados. Basta todos ficarem sabendo que as fantasias estão sendo usadas para cometer crimes para os ânimos irem embora e os negócios, por água abaixo. Puro sacrilégio. Animação e galhofa precisam de confiança, é a base delas.”

6

Bastante curioso foi o comportamento do JORNAL depois que o assassinato de seus dois jornalistas foi divulgado. Edições extras. Manchetes. Primeiras páginas. Obituários imensos. Como se, em um mundo com

9

tantos crimes, o assassinato de um jornalista fosse algo muito fora do comum, mais importante que o de um diretor, um funcionário ou de um ladrão de banco.

É preciso mencionar aqui a atenção excessiva da mídia, porque não só o JORNAL, como também outros jornais de fato trataram o assassinato de um jornalista como algo muito grave, terrível, quase solene, e até se poderia dizer quase como um sacrifício humano em um ritual. Até se falou em “vítima da profissão”, e é claro que o jornal se manteve firme na versão de que também Schönner seria vítima de Blum. Mesmo admitindo que Tötges provavelmente não teria sido assassinado se não fosse jornalista (mas sapateiro ou padeiro), talvez o ideal seja tentar descobrir se, no caso, não seria mais justo falar em morte por contingência profissional. Pois há de haver uma explicação para uma pessoa tão esperta e quase fria como Blum ter não apenas planejado o crime, mas também executado e, no momento decisivo e engendrado por ela, não só ter pego a pistola, como a colocado em ação.

## 7

Mas vamos sair imediatamente desse nível baixíssimo e voltar para o mais alto. Nada de sangue. Esqueçamos o alvoroço midiático. Nesse meio-tempo, o apartamento de Katharina Blum foi higienizado, os tapetes agora imprestáveis foram jogados no lixo, os móveis, limpos e postos no lugar; tudo à custa e por iniciativa do dr. Blorna, que para tanto foi autorizado por seu amigo Hach, ainda que não estivesse certo de que Blorna seria o administrador dos bens.

O fato é que, ao longo de cinco anos, Katharina Blum investiu 60 mil marcos em dinheiro em um apartamento

próprio que valia 100 mil marcos. Por isso, para citar o irmão dela, que está atualmente cumprindo uma pena insignificante, ali “tem muita coisa boa pra tomar”. Mas quem iria arcar com os juros e a amortização dos 40 mil marcos que faltam, mesmo levando em conta uma valorização nada irrelevante? Não restam só os ativos, também há os passivos.

Seja como for, Tötges foi enterrado (com uma pompa descabida, como afirmam alguns). Curioso é a morte e o enterro de Schönner não receberem a mesma atenção nem os mesmos gastos. Por que será? Por que ele não foi uma “vítima de sua profissão”, mas muito provavelmente de uma trama de ciúmes? A fantasia de xeique está sob custódia, bem como a pistola (uma 8 milímetros), de cuja origem apenas Blorna tem conhecimento, enquanto a polícia e a promotoria se esforçam em vão por descobrir.

## 8

As investigações sobre as atividades de Blum durante os quatro dias em questão elucidaram bem seus passos nos primeiros dias, empacando, no entanto, quando chegou o domingo.

Na quarta-feira à tarde, Blorna havia pago duas semanas inteiras de ordenado para Katharina Blum, no valor de 280 marcos – parte referente à semana corrente, parte à semana seguinte, já que ele viajaria ainda na quarta à tarde com sua mulher para as férias de inverno. Katharina havia não só prometido como até mesmo jurado aos Blorna que finalmente iria tirar uma folga e se divertir no carnaval, em vez de pegar um trabalho extra, como em todos os anos anteriores. Animada, dissera a

eles que fora convidada para uma festa privada na casa de sua madrinha, amiga e confidente, Else Woltersheim, e estava contente, pois fazia muito tempo que não tinha uma oportunidade de dançar. Diante disso, a sra. Blorna lhe disse: “Pois espere, Katie, na volta daremos uma festa, e você vai poder dançar de novo”. Desde que chegara à cidade, havia cinco ou seis anos, Katharina volta e meia se queixava da falta que sentia de “simplesmente sair para dançar em algum lugar”. Ali havia, como ela contou aos Blorna, espeluncas cheias de estudantes reprimidos que, na verdade, queriam apenas ficar com putas de graça, ou esses lugares boêmios que ela achava malucos demais, e as festas de igreja, que ela definitivamente detestava.

Não foi difícil descobrir que naquela quarta-feira à tarde Katharina havia trabalhado durante duas horas para o casal Hiepertz, que ela auxiliava ocasionalmente, quando a solicitavam. Os Hiepertz também iriam deixar a cidade no carnaval e visitar a filha em Lemgo, por isso Katharina levou os patrões idosos no próprio Volkswagen até a estação de trem. Apesar da dificuldade de estacionar, ela fez questão de levá-los até a plataforma e carregar as malas. (“Não por dinheiro, não, não. Para esse tipo de favor ela não nos deixa oferecer nada, é uma ofensa muito grande para ela”, explicou a sra. Hiepertz.) Como confirmado depois, o trem partiu às 17h30. Se dermos a Katharina de cinco a dez minutos para encontrar o carro em meio ao incipiente rebuliço de carnaval, mais 20 ou 25 minutos para chegar até seu apartamento, que fica num parque residencial no subúrbio da cidade, e no qual ela teria conseguido entrar só entre 18h e 18h15, então não houve um minuto sequer a descoberto. E seria justo supor que ela gastou algum tempo para tomar banho, se trocar e comer alguma coisa, pois, por volta das 19h25, ela já tinha aparecido na festa da sra. Woltersheim,

indo não com seu carro, mas de bonde. Ela não estava fantasiada nem de beduína nem de andaluza, usava tão somente um cravo vermelho no cabelo, meias e sapatos vermelhos, uma blusa de gola alta de seda rústica cor de mel e saia de *tweed* simples, da mesma cor. Pode parecer irrelevante que Katharina tenha chegado à festa de carro ou de bonde, mas aqui se faz necessário mencionar, porque durante o inquérito isso foi de importância cabal.

## 9

A partir do momento em que ela entrou no apartamento de Woltersheim, as investigações ficaram mais fáceis, pois Katharina, sem saber, estava sendo monitorada pela polícia desde as 19h25. A noite toda, das 19h30 às 22h, antes de deixar o apartamento, ela dançou, “exclusiva e intimamente”, como declarou mais tarde, com um certo Ludwig Götten.

## 10

Não podemos nos esquecer de render tributo ao promotor público Peter Hach, pois foi única e exclusivamente graças a ele que se obteve a informação (que beira a fofoca interna da justiça) de que o delegado-chefe Erwin Beizmenne grampeou os telefones de Woltersheim e de Blum a partir do momento em que Blum deixou o apartamento de Woltersheim acompanhada de Götten. Isso aconteceu de um modo que talvez seja digno de nota. Em casos como esses, Beizmenne telefonava para o superior responsável e dizia a ele: “Vou precisar de novo dos meus *plugs*. Desta vez de dois”.

Ficou evidente que Götten não usou o telefone no apartamento de Katharina. De qualquer modo, Hach não sabia nada disso. O certo é que o apartamento de Katharina estava sob estrita observação. E como, até às 10h30, na manhã da quinta-feira, nem o telefone havia sido usado nem Götten havia deixado o apartamento, oito policiais fortemente armados o invadiram, pois Beizmenne havia começado a perder a paciência e o controle dos nervos. Eles entraram com todas as medidas preventivas, revistaram, mas não encontraram Götten, somente Katharina, “relaxada e parecendo quase feliz”, recostada no aparador da cozinha, bebendo uma caneca grande de café e mordendo um pedaço de pão branco com manteiga e mel. Ela se tornou suspeita justamente ao dar a impressão não de estar surpresa, mas bastante composta, para não dizer “triunfante”. Ela vestia um roupão de banho de algodão verde, bordado de margaridas; por baixo estava nua, e, ao ser questionada pelo comissário Beizmenne sobre o paradeiro de Götten (“de um modo bem rude”, como ela narrou mais tarde), ela disse não saber quando Ludwig havia deixado o apartamento. Ela acordou por volta das 9h30, e ele não estava mais lá. “Sem se despedir?” – “Sim.”

Aqui precisamos tomar conhecimento de uma pergunta bastante controversa feita por Beizmenne, que Hach mencionou, retirou, depois mencionou mais uma vez e de novo retirou. Blorna considera que essa pergunta seja importante por acreditar que, se de fato foi formulada,

é aí e em nenhum outro lugar que poderia ter-se dado o começo da amargura, da humilhação e do ódio de Katharina. Uma vez que Blorna e sua mulher descreveram Katharina Blum como sendo extremamente sensível, quase uma puritana no quesito sexual, a mera *possibilidade* de Beizmenne ter formulado a pergunta controversa – ele mesmo enfurecido com o desaparecimento de Götten, que ele acreditava ter capturado com toda a certeza – deve ser considerada. Beizmenne *supostamente* perguntou à Katharina, que estava recostada no aparador, serena e provocante: “E então, ele te comeu?”, ao que Katharina deve ter tanto enrubescido como respondido com um tom de triunfo: “Não, eu não chamaria assim”. Parece seguro admitir que, se Beizmenne fez essa pergunta, daquele momento em diante já não seria possível estabelecer qualquer tipo de confiança entre ele e Katharina. O fato de não ter surgido uma relação de confiança entre ambos – embora Beizmenne tenha comprovadamente tentado e não fosse considerado “assim tão nojento” – não vale como prova definitiva de que ele teria realmente feito a pergunta execrável. De toda forma, Hach, que esteve presente durante a busca, é considerado por conhecidos e amigos um “tarado”, e bem poderia ter sido o caso de uma ideia tão grosseira ter-lhe ocorrido ao ver Blum, bastante atraente, recostada em seu aparador de modo tão casual, e que ele, sim, tivesse formulado aquela pergunta, ou desejado praticar com ela a atividade definida com tanta grosseria.

Em seguida, o apartamento foi minuciosamente vasculhado e alguns objetos foram confiscados, sobretudo



escritos. Katharina Blum teve permissão para se trocar no banheiro, na presença da policial feminina Pletzer. Mas não permitiram que ela fechasse a porta do banheiro por completo, e dois policiais armados continuaram vigiando atentamente. Permitiram que Katharina levasse sua bolsa, além de pijama, artigos de higiene e livros, pois a possibilidade de ela ser presa não estava excluída. Sua biblioteca consistia em quatro romances de amor, três policiais, bem como uma biografia de Napoleão e outra da rainha Cristina da Suécia. Todas as edições vinham de um clube do livro. Como ela não parava de perguntar: “Como assim? Eu cometi algum crime?”, a policial Pletzer acabou por informá-la, de forma amigável, de que Ludwig Götten era um bandido havia muito tempo procurado, provavelmente culpado de roubo a banco e assassinato, e suspeito de outros crimes.

14

Por volta das 11h, quando Katharina Blum foi levada de seu apartamento e conduzida ao interrogatório, acabaram desistindo de levá-la algemada. Beizmenne estava propenso a fazê-lo, porém desistiu da ideia depois de uma conversa rápida com a policial Pletzer e o assistente Moeding. Como era *Weiberfastnacht*, muitos moradores não tinham ido trabalhar e ainda não haviam começado as saturnálias anuais dos desfiles, festas etc., umas três dúzias de moradores do prédio de dez andares estavam no saguão, vestidos com seus casacos, robes e roupões. O fotógrafo Schönner estava a poucos passos do elevador, quando saíram dele Katharina Blum, entre Beizmenne e Moeding, cercados por policiais armados. Ele a fotografou várias vezes de frente, de costas

e de perfil, descabelada e com uma expressão nada amigável, pois havia tentado várias vezes esconder o rosto, por vergonha e perplexidade, ao mesmo tempo se atrapalhando com a bolsa, a nécessaire e uma sacola plástica onde estavam os livros e um estojo.

15

Meia hora mais tarde, depois de terem declarado seus direitos e lhe concedido um tempo para se recompor, deu-se início ao interrogatório na presença de Beizmenne, Moeding, da senhora Pletzer e dos promotores dr. Korten e Hach, e assim consta nos autos: “Meu nome é Katharina Brettloh, nascida Blum. Nasci no dia 2 de março de 1947, em Gemmelsbroich, na comarca de Kuir. Meu pai era o minerador Peter Blum. Eu tinha 6 anos de idade e ele 36 quando morreu de lesão pulmonar causada durante a guerra. Depois da guerra, meu pai voltou a trabalhar em uma pedreira de ardósia e também havia a suspeita de estar com pneumoconiose. Minha mãe teve dificuldades com a pensão, porque a Previdência Social e o sindicato dos mineradores não conseguiram entrar em acordo. Desde muito cedo fiz todo o serviço doméstico, pois meu pai estava sempre doente, e assim não recebia, e minha mãe trabalhava em vários lugares como faxineira. Nunca tive nenhuma dificuldade na escola, apesar de fazer muito trabalho doméstico enquanto estudava, não só em casa como também nos vizinhos e na casa de outros moradores da cidade, onde eu auxiliava a cozinhar e assar, a fazer as conservas e a abater os animais. Eu sempre fiz todo o trabalho de casa e ajudava na colheita. Com o auxílio da minha madrinha, a sra. Else Woltersheim, de Kuir, depois de ter terminado

a escola, em 1961, consegui uma vaga como auxiliar doméstica no açougue Gerbers, em Kuir, onde de vez em quando eu também precisava ajudar nas vendas. De 1962 a 1965, com auxílio e financiamento da minha madrinha, a sra. Woltersheim, que dava aulas ali, me formei com louvor em uma escola de economia doméstica em Kuir. De 1966 a 1967, trabalhei como governanta na pré-escola integral da empresa Koeschler, na cidade vizinha de Oftersbroich, depois consegui uma vaga como doméstica na casa do médico dr. Kluthen, também em Oftersbroich, onde fiquei só um ano, porque o doutor ia se tornando cada vez mais indecoroso, e a sua esposa não podia suportar isso. Eu também não gostava dessas inconveniências. Era nojento. Em 1968, fiquei desempregada por algumas semanas e estava ajudando minha mãe no trabalho doméstico em casa e, às vezes, nas reuniões e noites de boliche da fanfarra de Gemmelsbroich, onde conheci, através de meu irmão Kurt Blum, o operário têxtil Wilhelm Brettloh, com quem me casei alguns meses depois. Morávamos em Gemmelsbroich, e em alguns fins de semana, quando havia muitos visitantes na cidade, ajudava na cozinha do restaurante Kloog, às vezes como garçonne. Já na metade do ano comecei a sentir uma repulsa insuperável por meu marido. Sobre isso não quero entrar em detalhes. Eu o deixei e me mudei para a cidade. Fui a parte culpada de meu divórcio por abandono do lar e voltei a usar meu nome de solteira. Primeiro morei com a sra. Woltersheim, até que, depois de algumas semanas, achei uma vaga de governanta e doméstica na casa do auditor, dr. Fehnern, onde também passei a morar. O dr. Fehnern me possibilitou frequentar cursos noturnos e de aperfeiçoamento, passar nos exames estatais e me tornar governanta oficialmente qualificada. Ele era muito bom e generoso, e eu continuei com ele depois de

aprovada no exame. No fim de 1969, o dr. Fehnern foi preso por sonegação considerável de impostos, constatada por grandes empresas para as quais ele trabalhava. Antes de ser levado, ele me deu um envelope com o valor de três salários e me pediu que continuasse cuidando de tudo, porque logo ele voltaria. Fiquei ainda um mês; cuidei de seus funcionários, que trabalhavam no escritório dele sob a supervisão de auditores fiscais públicos; mantinha a casa limpa e o jardim em ordem, também cuidava da roupa suja. Sempre levava ao sr. Fehnern, no centro de detenção, roupas limpas, além de comida, em especial patê das Ardenes, que eu aprendi a fazer no açougue Gerbers. Mais tarde, o escritório foi fechado, a casa, confiscada, e eu tive de sair do meu quarto. Parece que ficou provado que o dr. Fehnern também tinha desviado verba e era falsificador, então ele teve mesmo de cumprir a pena na prisão, onde continuei lhe fazendo visitas. Eu quis devolver os dois meses de salário que lhe devia. Ele me proibiu terminantemente de fazer isso. Logo consegui emprego na casa dos Blorna, que eu havia conhecido através do sr. Fehnern.

“Os Blorna moram em um sobrado de luxo na área residencial verde no sul da cidade. Embora tivessem me oferecido moradia, recusei. Queria ser independente de uma vez e exercer minha profissão de maneira mais autônoma. O casal Blorna foi muito amável comigo. A sra. Blorna – ela trabalha em um grande escritório de arquitetura – me ajudou com a compra de um apartamento na cidade-satélite, ao sul, cujo anúncio dizia ‘Morando com elegância às margens do rio’. O sr. Blorna conhecia o projeto na qualidade de advogado industrial, a sra. Blorna como arquiteta. Calculei com o sr. Blorna o financiamento, os juros e a amortização de um apartamento de quarto, sala, cozinha e banheiro no oitavo